

Revolução e Estado: dilemas e estratégias do anarquismo cubano nas páginas de *El Libertario* (1959-1960)

Revolution and State: Dilemmas and Strategies of Cuban Anarchism in the Pages of *El Libertario* (1959-1960)

Revolución y Estado: dilemas y estrategias del anarquismo cubano en las páginas de *El Libertario* (1959-1960)

Cassio Brancaleone*

Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, Brasil

cassiobrancaleone@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7821-3450

Citar como: Brancaleone, C. (2026). Revolution and State: Dilemmas and Strategies of Cuban Anarchism in the Pages of *El Libertario* (1959-1960). *Desde el Sur*, 18(3), e0064.

RESUMO

Este artigo investiga as estratégias discursivas do periódico *El Libertario*, órgão da Asociación Libertaria de Cuba (ALC), entre 1959 e 1960. O objetivo é analisar como o movimento anarquista cubano articulou um projeto revolucionário autônomo no contexto da Revolução Cubana. A pesquisa é de natureza qualitativa e baseia-se na análise documental dos onze exemplares disponíveis do jornal neste período, combinando elementos da análise crítica do discurso, história dos conceitos e sociologia das ideias. Os resultados evidenciam um repertório sofisticado de estratégias de propaganda doutrinária, intertextualidade com o anarquismo global e recursos gráficos mobilizados como ferramentas de crítica política. Conclui-se que *El Libertario* expressa uma tensão constante entre participação entusiasta no processo insurrecional e crítica precoce à deriva autoritária do novo governo, constituindo-se como dispositivo de uma memória em disputa sobre os sentidos da Revolução.

* Autor corresponsal: Cassio Brancaleone, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, Brasil. Correo: cassiobrancaleone@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Anarquismo, Revolução Cubana, Imprensa Política, Estratégias Discursivas, Antiautoritarismo

ABSTRACT

This article investigates the discursive strategies employed by *El Libertario*, the official organ of the Asociación Libertaria de Cuba (ALC), between 1959 and 1960. The study aims to analyze how the Cuban anarchist movement articulated an autonomous revolutionary project within the context of the Cuban Revolution. Drawing on a qualitative approach, the research is grounded in the documentary analysis of the eleven available issues of the periodical published during this period, combining elements of critical discourse analysis, conceptual history, and the sociology of ideas. The findings reveal a sophisticated repertoire of doctrinal propaganda strategies, intertextual engagement with global anarchism, and graphic resources mobilized as instruments of political critique. The article concludes that *El Libertario* expresses a persistent tension between enthusiastic participation in the insurrectionary process and an early, forceful critique of the new government's authoritarian drift, thereby constituting itself as a dispositif of contested memory over the meanings of the Revolution.

KEYWORDS

Anarchism, Cuban Revolution, Political Press, Discursive Strategies, Anti-authoritarianism

RESUMEN

Este artículo investiga las estrategias discursivas del periódico *El Libertario*, órgano de la Asociación Libertaria de Cuba (ALC), entre 1959 y 1960. El objetivo es analizar cómo el movimiento anarquista cubano articuló un proyecto revolucionario autónomo en el contexto de la Revolución cubana. La investigación es de carácter cualitativo y se basa en el análisis documental de los once ejemplares disponibles del periódico en este periodo, combinando elementos del análisis crítico del discurso, la historia de los conceptos y la sociología de las ideas. Los resultados evidencian un repertorio sofisticado de estrategias de propaganda doctrinaria, intertextualidad con el anarquismo global y recursos gráficos movilizados como herramientas

de crítica política. Se concluye que *El Libertario* expresa una tensión constante entre la participación entusiasta en el proceso insurreccional y la crítica temprana a la deriva autoritaria del nuevo gobierno, ya que se constituyó como dispositivo de una memoria en disputa sobre los sentidos de la revolución.

PALABRAS CLAVE

Anarquismo, Revolución cubana, prensa política, estrategias discursivas, antiautoritarismo

1. Introdução¹

A Revolução Cubana de 1959 tem sido amplamente interpretada a partir das forças políticas que lograram consolidar o poder e estruturar a narrativa oficial do processo revolucionário (Huberman e Sweezy, 1960; Marcuse, 1960; Rodríguez, 1965; Ruiz, 1968; Thomas, 1971; Harnecker, 1978; Bambirra, 1971; Sweig, 2016; Gott, 2006; Chomsky, 2015; Pérez-Stable, 2012; Perrottet, 2019). Nesse quadro, a historiografia privilegiou, de modo recorrente, as dinâmicas internas do Movimento 26 de Julho, a liderança de Fidel Castro e a progressiva institucionalização de um regime de orientação marxista-leninista. Contudo, essa ênfase produziu um efeito colateral significativo: a marginalização de outras tradições políticas que participaram ativamente do processo insurreccional e que, nos momentos iniciais da revolução, buscaram influir em seus rumos. Entre essas correntes, o anarquismo ocupa um lugar particularmente relevante, ainda que frequentemente negligenciado (Fernández, 2000; Bellé, 2009; De Paz-Sánchez, 2017; Rodríguez Trejo, 2020; Shaffer, 2019, 2020, 2023).

O presente artigo parte da constatação dessa lacuna historiográfica para investigar a atuação e o pensamento do movimento libertário cubano no contexto revolucionário imediato, tomando como fonte central as edições do jornal *El Libertario*, órgão da Asociación Libertaria de Cuba (ALC), que foram publicadas entre 1959 e 1960. Longe de constituir um mero registro periférico, o periódico se apresenta como um espaço de intervenção política e disputa de sentidos acerca da própria Revolução. Dessa forma, suas páginas permitem acessar não apenas um conjunto de posições ideológicas, mas também as estratégias discursivas por meio das quais os anarquistas buscaram afirmar um projeto revolucionário alternativo.

1 O presente artigo constitui um dos resultados parciais da pesquisa «Os anarquistas diante da Revolução Cubana: um exercício de interpretação história a contrapelo», financiada pelo edital FAPERGS 09/2023 Programa Pesquisador Gaúcho (PqG).

El Libertario circulou em duas fases distintas: a primeira, de fevereiro a julho de 1952, com ao menos sete números publicados antes de ser fechado durante o regime de Batista. A segunda, de janeiro a julho de 1960, com onze edições mensais publicadas após a queda da ditadura. Impresso pela Imprenta Económica, S. A. (Editorial Luz-Hilo), na Rua Compostela 615, em Havana, com redação e administração situadas na Jesús María 310 (altos), na mesma cidade. Cada exemplar custava \$0,05, com assinatura anual de \$0,50. O corpo editorial variou ao longo do tempo: na primeira fase, Rafael Serra ocupou a direção, com Vicente Alea na administração e um conselho formado por Luis Dulzaides, Marcelo Salinas e Domingo Díaz. A partir do número 4 (novembro de 1952), a direção passou a Luis Dulzaides, com Roberto Bretau na administração. Na segunda fase, Marcelo Salinas assumiu a direção, com Rolando Piñera Pardo como administrador. O financiamento era integralmente militante, sem publicidade comercial, sustentado por cotizações individuais e coletivas de valores modestos, entre \$0,05 e \$10,00, e por eventos de arrecadação como festivais realizados em espaços populares de Havana. As seções de «ingresos y egresos» presentes em vários números revelam uma estrutura financeira precária: o déficit registrado no número 7 (agosto de 1959) e a interrupção de seis meses entre os números 9 e 10 (novembro de 1959 a maio de 1960) são indícios eloquentes das dificuldades materiais que acompanharam o jornal ao longo de sua existência. A rede de distribuição era nacional, com apoiadores registrados em todas as seis províncias cubanas da época, além de contribuintes no exterior já desde o primeiro número - Nova York, Califórnia, Pensilvânia e Panamá, e, na segunda fase, vínculos de intercâmbio com publicações anarquistas da França, Suécia, Argentina, Holanda e Bulgária. A tiragem não é informada explicitamente nas fontes disponíveis.

Do ponto de vista historiográfico, não existem estudos monográficos dedicados exclusivamente a *El Libertario*: o periódico aparece referenciado e utilizado como fonte primária em trabalhos de escopo mais amplo sobre o anarquismo cubano, como os de Fernández (2000) e Shaffer (2020, 2023), que fazem uso de suas informações internas, dados editoriais, posições políticas, perfis de militantes, etc sem tomar o jornal como objeto central de análise. Essa lacuna não é circunstancial: ela reflete tanto a posição marginal que o anarquismo cubano ocupa na historiografia quanto a dispersão e a dificuldade de acesso aos exemplares do periódico, condições que justificam e tornam necessária a abordagem proposta neste artigo.

A hipótese que orienta esta análise sustenta que *El Libertario* expressa a construção de um projeto político próprio que, ao mesmo tempo em

que celebrava a queda da ditadura de Fulgêncio Batista e reivindicava a participação ativa dos anarquistas na luta insurrecional, articulava uma crítica precoce e progressivamente mais contundente à centralização do poder e aos indícios de deriva autoritária do novo governo. Tal crítica não se configura como uma rejeição imediata do processo revolucionário, mas como uma tentativa de intervenção em seu curso, marcada por uma tensão constante entre expectativa e desencanto.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa insere-se no campo da análise qualitativa de fontes impressas, combinando elementos da análise crítica do discurso (Fairclough, 2001), da história intelectual (Koselleck, 2006) e da sociologia das ideias (Mannheim, 1986). O jornal é aqui tratado como um dispositivo de enunciação e ação política, no qual se articulam léxicos, estratégias retóricas, recursos gráficos e referências intertextuais que configuram uma determinada posição no campo ideológico. Ao mesmo tempo, considera-se *El Libertario* como um espaço de circulação de ideias inserido em redes globais do anarquismo, dialogando com tradições e experiências como a Revolução Espanhola, o antifascismo e outras conjunturas latino-americanas.

A análise desenvolvida ao longo do artigo se organiza em três eixos principais. Em primeiro lugar, busca-se mapear as estratégias discursivas mobilizadas pelo periódico, identificando seus principais recursos argumentativos, seus deslocamentos semânticos e sua inserção em uma tradição libertária mais ampla. Em segundo lugar, procura-se reconstruir a rede de interlocutores dos anarquistas, tanto no interior do processo revolucionário cubano quanto em sua dimensão internacional, evidenciando a multiposicionalidade de seus militantes (Offerle, 1998) e sua inserção em diferentes organismos de luta. Por fim, examina-se a expressão da angústia política que atravessa as páginas do jornal, especialmente diante do fortalecimento do aparelho estatal e da progressiva restrição das liberdades, compreendendo-a como um elemento central para a interpretação das tensões internas da revolução.

Ao privilegiar uma fonte produzida por um ator político de indiscutível presença na história das lutas sociais do país (Anderson, 2014; Fernández, 2000; Sánchez Cobos, 2019, 2023; Shaffer, 2000, 2011, 2019, 2020, 2023), embora posteriormente marginalizado, este trabalho pretende contribuir para uma leitura mais complexa e plural da Revolução Cubana, destacando-a não como um processo homogêneo, mas como um campo de expectativas e projetos concorrentes (Benjamin, 1996). Nesse sentido, *El Libertario* é aqui interpretado, na esteira de Foucault (2008), como um verdadeiro dispositivo de uma memória em disputa, cuja análise permite recuperar a voz do anarquismo cubano e compreender melhor os dilemas

mais amplos enfrentados por correntes revolucionárias diante dos processos de institucionalização do poder.

2. Discurso, temporalidade e imprensa militante

Partindo de uma abordagem que conjuga elementos da análise crítica do discurso (ACD) e da história/sociologia das ideias e intelectuais, iremos apreender o jornal *El Libertario* não apenas como veículo de expressão ideológica de um grupo social, mas como prática discursiva situada, capaz de revelar aspectos tanto das disputas políticas imediatas quanto das transformações nos horizontes de sentido que atravessaram o processo revolucionário cubano.

Do ponto de vista da ACD, parte-se da premissa de que o discurso é simultaneamente texto, prática discursiva e prática social (Fairclough, 2001). Isso implica considerar o periódico em três níveis analíticos articulados. Em primeiro lugar, no plano textual, examinam-se os recursos linguísticos mobilizados: vocabulário político, formas de nomeação, estratégias retóricas e estruturas argumentativas. Em segundo lugar, no nível da prática discursiva, analisa-se como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos no interior de uma rede militante específica, marcada por vínculos com o anarquismo internacional e com o movimento operário cubano. Por fim, no nível da prática social, o discurso é interpretado em relação às transformações mais amplas no curso do processo revolucionário, especialmente no que diz respeito à reorganização das estruturas de poder e às disputas em torno da legitimidade política.

Essa perspectiva permite compreender *El Libertario* como um espaço de recontextualização discursiva, em que enunciados provenientes de diferentes campos como o governamental, sindical e internacional são apropriados, rearticulados e frequentemente apoiados ou contestados. A análise se beneficia, nesse sentido, de operações como a citação, a paráfrase e a reformulação crítica de discursos alheios, entendidas como práticas que evidenciam tanto relações de poder quanto estratégias de resistência.

Complementarmente, a incorporação da história dos conceitos, conforme proposta por Koselleck (2006), possibilita situar essas práticas discursivas em uma dimensão temporal mais ampla. O autor propõe distinguir entre «espaço de experiência» e «horizonte de expectativa» como categorias fundamentais para compreender a historicidade dos conceitos políticos. No caso em análise, essa distinção se revela particularmente fecunda para interpretar o modo como o movimento anarquista cubano articula referências ao passado, especialmente à tradição libertária

internacional e à Revolução Espanhola, com projeções e expectativas em relação ao futuro da Revolução Cubana.

Metodologicamente, o corpus da pesquisa é constituído pelos onze números do jornal *El Libertario* publicados entre janeiro de 1959 e 1960. Esses exemplares são tratados como unidades documentais seriadas, permitindo uma análise diacrônica das transformações discursivas. A estratégia analítica combina leitura intensiva e categorização temática, com especial atenção para: (1) formas de nomeação de atores políticos (como lideranças revolucionárias e instituições); (2) uso de símbolos e referências históricas; (3) construção de oposições semânticas (liberdade/autoridade, revolução/Estado, povo/governo); e (4) variações na tonalidade discursiva (adesão, ambivalência, crítica).

Além disso, considera-se o periódico como parte de uma ecologia comunicativa mais ampla, que inclui outras publicações anarquistas e redes globais de circulação de ideias (Anderson, 2014). Embora o foco empírico recaia sobre *El Libertario*, a análise reconhece sua inserção em uma tradição discursiva mais longa, marcada por continuidades e deslocamentos em relação ao anarquismo latino-americano, estadunidense e europeu.

Por fim, importa destacar que o jornal é interpretado como um dispositivo de memória em disputa, no sentido de que não apenas registra acontecimentos, mas também intervém ativamente na construção de narrativas sobre o processo revolucionário. Assim, mais do que refletir a realidade, o discurso analisado participa da luta por sua definição legítima, constituindo-se como um espaço privilegiado para observar os impasses, as frustrações, as expectativas e as tensões que marcam a experiência anarquista no contexto da Revolução Cubana.

3. Os anarquistas e sua inserção na Revolução Cubana

O anarquismo cubano desempenhou um papel significativo na formação do campo das lutas sociais daquele país, inscrevendo-se em uma tradição de longa duração que remonta ao final do século XIX (Cappelletti & Rama, 1990). Militantes libertários estiveram presentes nas mobilizações operárias e nas redes de sociabilidade política que se articularam em torno das lutas pela independência de Cuba em relação à Espanha, estabelecendo conexões com figuras como José Martí e participando ativamente da difusão de ideias anticoloniais e antiautoritárias. Ao mesmo tempo, o anarquismo teve papel relevante nas campanhas abolicionistas e na crítica às formas de exploração do trabalho herdadas do sistema escravista, articulando uma crítica social que combinava emancipação política e transformação das relações econômicas. Já nas primeiras décadas do século XX, os anarquistas cubanos se destacaram na organização do

movimento operário, contribuindo decisivamente para a formação de sindicatos, federações e espaços de imprensa militante, além de se posicionarem criticamente diante da crescente influência dos Estados Unidos sobre a economia e a política cubanas, denunciando o imperialismo e suas implicações para a autonomia nacional. Essa tradição de intervenção contínua que atravessa a luta anticolonial, a organização do trabalho e a crítica ao imperialismo, constitui o antecedente histórico a partir do qual se deve compreender a atuação da ALC na assim chamada Revolução Cubana.

Portanto, longe de se constituir como um ator marginal ou residual, o anarquismo cubano possuía uma trajetória pregressa de organização, sociabilidade militante e produção intelectual, articulada tanto em âmbito nacional quanto em redes internacionais. É a partir desse legado que, em 1943, a ALC foi fundada como entidade civil, beneficiando-se das prerrogativas progressistas abertas pela Constituição de 1940. Sua fundação resultou da frutífera confluência entre a diáspora anarquista espanhola remanescente da guerra civil e os anarquistas cubanos sobreviventes da repressão da ditadura de Machado (1925-1933).

Com sede na rua Jesús María 310 (altos) em Havana velha, centro histórico da capital, esta organização nasce com vocação política para fomentar em todo o território nacional o movimento anarquista, e embora profundamente ancorada em uma perspectiva de atuação classista e sindical, assume feições e se lança tarefas que nos permitiria situá-la como parte de uma perspectiva identificada no interior do anarquismo denominada por «dualismo organizacional», que provavelmente antecipa o «especifismo» pelo qual a Federação Anarquista Uruguiaia (FAU) seria referência na América Latina (tema que certamente merece um estudo à parte)².

No processo de resistência contra a ditadura de Batista, a inserção da ALC se dava, sobretudo, por meio da sua tradição anarcossindicalista

2 O termo especificismo designa uma corrente do anarquismo latino-americano que se consolida sobretudo a partir da experiência da Federación Anarquista Uruguaya (FAU), fundada em 1956, e que se inspira, entre outras referências, no chamado platafornismo, isto é, na proposta organizativa delineada por militantes como Nestor Makhno e Piotr Arshinov nos anos 1920, que enfatizava a necessidade de uma organização anarquista específica, coesa e dotada de unidade teórica, estratégica e tática. O especificismo estrutura-se em torno do princípio do «dualismo organizacional», distinguindo entre a organização política anarquista e as frentes de inserção social mais amplas (como sindicatos, movimentos populares e espaços comunitários), articulando ambas sem dissolver a autonomia de cada nível. Nesse sentido, ainda que a ALC não se reivindique explicitamente como parte dessa tradição, até porque sua formação antecede a sistematização do especificismo enquanto corrente, sua estrutura organizativa, sua vocação de articulação nacional e sua atuação combinada no plano político e sindical permitem aproximá-la analiticamente desse modelo. Tal aproximação, contudo, deve ser tomada como hipótese interpretativa e não como classificação estrita, sendo objeto de um debate que ultrapassa os limites do presente artigo.

profundamente enraizada em determinados setores do mundo do trabalho, com destaque para os trabalhadores urbanos e, em especial, o setor gastronômico. A longevidade de periódicos como *Solidaridad Gastronómica*, publicado de forma contínua entre 1949 e 1961, evidencia a capacidade organizativa do movimento e sua constituição concreta em bases sociais específicas. Paralelamente, iniciativas como o jornal *Ahora*, editado no curto intervalo de 1949 e 1950, expressavam tentativas mais amplas de disputar a direção política do movimento operário em caráter nacional, ainda que com resultados limitados.

É nesse contexto que se deve situar o retorno de *El Libertario* em janeiro de 1959, inaugurando sua segunda época. Diferentemente de sua experiência editorial anterior (1952-1953), essa nova fase do periódico se desenvolve em estreita relação com o processo revolucionário em curso, constituindo-se como um espaço privilegiado de intervenção política e elaboração discursiva. A coincidência temporal entre o triunfo da Revolução e a retomada do jornal não é fortuita. Ela indica a percepção, por parte dos anarquistas, de que se abria um novo horizonte de possibilidades para a agitação política e social (Fernández, 2000).

A documentação produzida pelo próprio movimento libertário, em especial o artigo «El movimiento libertario y la lucha contra la dictadura batistiana» (*El Libertario*, n.º 11, julho de 1960), permite afirmar de forma consistente o envolvimento direto dos anarquistas cubanos, tanto no plano civil quanto na luta armada. Membros da ALC participaram ativamente de organismos insurrecionais como o Movimento 26 de Julho (M26J), a Federação Estudantil Universitária (FEU), o Diretório Revolucionário (DR) e outras estruturas clandestinas, atuando em tarefas que iam desde a propaganda e a articulação conspirativa até o manejo de armas e a participação em ações diretas de sabotagem. Entre os nomes mencionados nas fontes destacam-se, entre outros, Gilberto Lima, Isidro Moscó, Modesto Barbeito, José Rodríguez González, Mario García (pai e filho), Zoila García, Ángel González e Gerónimo Reyes, evidenciando a amplitude e diversidade dessa inserção. Em Escambray a guerrilha foi dirigida também por um anarquista, o comandante Carlos A. Figueiredo, militante do DR, conforme testemunha uma fotografia triunfal presente na primeira edição do jornal (*El Libertario*, n.º 1, 1959).



FIGURA 1. Comandante Carlos Figueiredo, militante da ALC, guerrilheiro da frente de Escambray (na foto, sentado no tanque de guerra, com chapéu e espada)

O local da ALC funcionou como um importante centro organizativo da resistência, servindo como espaço de reuniões clandestinas, ponto de apoio logístico e centro de distribuição de propaganda, sendo utilizado por membros do M26J para treinamentos e articulações conspirativas. Essa dinâmica revela um traço fundamental da atuação anarquista no período: a multiposicionalidade militante, na qual os libertários transitavam simultaneamente por diferentes organizações e frentes de luta, articulando redes políticas que conectavam o movimento libertário a outros setores da oposição revolucionária. Tal configuração reforça o papel ativo dos anarquistas na queda da ditadura e ajuda a compreender porque, no imediato pós-1959, eles se percebiam como parte legítima do campo revolucionário, e não como um ator externo ou marginal a ele.

Nos primeiros meses de 1959, a posição da ALC e de seu órgão de imprensa pode ser caracterizada como de adesão crítica. Os anarquistas reconheciam o potencial transformador da Revolução, especialmente no que diz respeito à derrubada da ditadura de Fulgêncio Batista e às medidas voltadas para a justiça social, como a reforma agrária. Esse reconhecimento, contudo, não implicava uma suspensão de seus princípios, mas

antes, uma tentativa de intervir no processo revolucionário a partir de uma perspectiva libertária, buscando influenciar seus rumos e preservar espaços de autonomia.

Essa postura se traduz, no plano discursivo, em uma combinação particular de apoio e vigilância. Por um lado, os periódicos anarquistas evitam alinhar-se às críticas provenientes de setores conservadores ou ligados à antiga ordem, marcando uma clara distinção entre sua posição e a oposição contrarrevolucionária. Por outro, começam a emergir, já ao longo de 1959, sinais de preocupação com a crescente centralização do poder, a escalada de posições do partido comunista, a ampliação das prerrogativas estatais e o papel cada vez mais proeminente das estruturas militares e governamentais (Buch e Suárez, 2004; Farber, 2011).

A inserção dos anarquistas na Revolução, portanto, não se dá nem como adesão incondicional, nem como oposição frontal, mas como uma forma específica de engajamento crítico. Trata-se de uma tentativa de atuar por dentro do processo, explorando as aberturas existentes e, ao mesmo tempo, delimitando fronteiras em relação a tendências consideradas incompatíveis com princípios democráticos e libertários. Essa posição intermediária exige, por sua vez, um cuidadoso equilíbrio discursivo, especialmente em um contexto no qual as críticas poderiam ser facilmente reposicionadas no campo contrarrevolucionário.

A trajetória de *El Libertario* entre 1959 e 1960 é particularmente reveladora dessas tensões. Ao longo de seus onze números, o jornal acompanha as transformações do processo revolucionário, registrando tanto o entusiasmo inicial quanto o progressivo deslocamento em direção a uma posição mais crítica. Esse deslocamento, contudo, não se expressa de forma abrupta, mas por meio de variações graduais, frequentemente mediadas por estratégias discursivas que evitam a personalização do conflito e privilegiam a crítica a processos e estruturas.

O encerramento de *El Libertario* em julho de 1960 marca um ponto de inflexão importante³. Embora fatores materiais, como dificuldades

3 A literatura especializada que trabalha com *El Libertario* tem, de modo geral, considerado sua primeira etapa editorial como limitada aos meses iniciais de 1952, assumindo que o periódico teria publicado apenas três números antes de ser interrompido em decorrência do golpe de Estado de março daquele ano. No entanto, a pesquisa documental realizada para este artigo permite revisar essa interpretação. A partir do levantamento em acervos e arquivos, foi possível identificar a existência de, pelo menos, sete números publicados entre fevereiro de 1952 e maio de 1953, indicando a continuidade do periódico já sob o regime instaurado por Fulgêncio Batista. Essa evidência sugere que *El Libertario* não apenas sobreviveu ao imediato pós-golpe, mas também manteve, ainda que de forma precária, sua atividade editorial durante o primeiro ano da ditadura. Trata-se, portanto, de uma contribuição original deste estudo, que amplia o conhecimento disponível sobre a trajetória

financeiras, tenham desempenhado um papel decisivo, não se pode dissociar esse desfecho do contexto político mais amplo, caracterizado pelo estreitamento do espaço público e pela crescente dificuldade de circulação de discursos dissidentes. A canalização de todas as suas energias para a continuidade de *Solidaridad Gastronómica*, que publica sua última edição em fevereiro de 1961, sugere que ainda havia alguma margem de atuação, cada vez mais limitada e condicionada por constrangimentos estruturais, como o controle dos meios de impressão por parte do governo.

Os acontecimentos de 1961, em particular os atentados de abril, a declaração do caráter socialista da Revolução, a tentativa de invasão mercenária pela baía dos porcos (*Playa Girón*) e a posterior consolidação de estruturas políticas definitivamente centralizadoras e autoritárias, com a estatização da vida associativa e das organizações populares, aprofundam esse processo de fechamento. Embora esses eventos se situem em um momento posterior à interrupção de *El Libertario*, eles confirmam, retrospectivamente, as preocupações que vinham sendo formuladas, ainda que de maneira cautelosa, nas páginas do jornal anarquista.

Dessa forma, a experiência da ALC e de sua imprensa no contexto da Revolução Cubana pode ser lida como a trajetória de um engajamento que vai da participação esperançosa à crescente marginalização política, e com isso contribuímos para consolidar evidências já apresentadas por Fernández (2000) e Rodríguez Trejo (2020). Mais do que uma simples retirada, trata-se de um processo de deslocamento, no qual os anarquistas passam de participantes da luta contra Batista e interlocutores potenciais do processo revolucionário a portadores de uma crítica que, progressivamente, deixa de encontrar espaço de expressão no interior do emergente regime.

Essa dinâmica revela, em última instância, os limites da coexistência entre diferentes projetos políticos em contextos revolucionários marcados por processos de institucionalização acelerada e pautados em visões de mundo autoritárias. Ao mesmo tempo, evidencia o papel da imprensa militante como espaço privilegiado de elaboração, negociação e expressão dessas tensões, permitindo captar, em tempo quase imediato, as inflexões de um processo histórico em curso.

do periódico e sobre as condições de atuação do anarquismo cubano no início dos anos 1950.

4. Estratégias discursivas em *El Libertario*: gêneros, recursos e disputas de sentido

A análise das edições de *El Libertario* publicadas entre 1959 e 1960 revela um repertório sofisticado de estratégias discursivas por meio das quais o movimento anarquista cubano buscou intervir no processo revolucionário. Longe de se limitar a uma função meramente informativa, o periódico operava como um espaço de produção de sentidos, no qual diferentes gêneros discursivos, recursos gráficos e procedimentos retóricos eram mobilizados de forma articulada para sustentar uma posição política ao mesmo tempo engajada e crítica.

À luz da ACD, pode-se afirmar que o jornal atua simultaneamente como texto, ao mobilizar escolhas lexicais e estruturas argumentativas específicas; como prática discursiva, ao recontextualizar enunciados provenientes de outros campos (governamental, sindical, internacional); e como prática social, ao intervir nas disputas em torno dos horizontes da Revolução Cubana.

4.1. Mosaico de gêneros discursivos

Um dos traços marcantes de *El Libertario* é a coexistência de múltiplos gêneros discursivos em suas páginas, o que amplia significativamente sua capacidade de intervenção política e de alcance junto a diferentes públicos. O jornal articula, de forma dinâmica, espaços de enunciação coletiva, reflexão doutrinária, mediação informativa e pedagogia política. Entre esses gêneros, o editorial ocupa posição central, funcionando como instância de construção do que poderíamos considerar uma voz institucional do movimento, na qual se formulam posições críticas de maneira cuidadosamente modulada. Ao lado disso, os artigos doutrinários desempenham um papel fundamental na reafirmação ideológica do anarquismo, retomando princípios clássicos e delimitando seu horizonte normativo. Paralelamente, o periódico mobiliza gêneros mais acessíveis, como crônicas e comentários políticos, exemplificados em seções como *Revisando la prensa/Machúcalo/Balitas*, que operam como mediação entre o leitor e o contexto político imediato, disputando interpretações sobre os acontecimentos em curso. Outro recurso recorrente é o uso do diálogo como forma pedagógica, especialmente visível na seção *Diálogos Intrascendentes*, nos quais perguntas e respostas simplificam conceitos e combatem estereótipos, contribuindo para a formação política do público. Por fim, a seção administrativa, composta por listas de contribuições e apoios, cumpre uma função que vai além da mera prestação de contas. Ela materializa a rede militante que sustenta o jornal, produzindo efeitos de transparência e pertencimento. Em conjunto, esses diferentes gêneros assinalam a

natureza multifuncional de *El Libertario*, que combina informação, formação, militância e organização em uma mesma plataforma discursiva.



FIGURA 2. Primeira página de *El Libertario* (n.º 3, 1959), evidenciando a articulação entre manchetes políticas, seções doutrinárias e gêneros discursivos

<i>Administrativas</i>	
Ingresos de Abril y Mayo	
Fernando Alfonso, Regla . . .	\$ 1.00
Ramón Hernández, Artemisa . . .	1.00
Ramón Suárez Gil, Artemisa . . .	2.00
Angel Franquis, Artemisa . . .	2.00
Daniel Calderin, Artemisa . . .	5.00
Oreste (cantinero), Artemisa . . .	0.10
Fco. Calderin, Artemisa . . .	1.00
Chichi Viciore, Artemisa . . .	0.15
Varelita, Artemisa . . .	0.20
Ramiro Arias, Camagüey . . .	5.00
Juan Alcántara, Camagüey . . .	5.00
Constante Alvarez, Marianno . . .	1.00
José M. Delgado, Camagüey . . .	3.00
Adolfo Suárez, Habana . . .	0.40
Naves, Arroyo Naranjo . . .	0.50
Bernardo Moreno, Habana . . .	1.00
Isidoro de la Mata, Habana . . .	1.00
Manuel Goona, Habana . . .	1.00
Vicente Alea, Habana . . .	1.00
Antonio Toledo, Camagüey . . .	1.00
Joaquín Fuentes, Habana . . .	1.50
Helio Nardo, Artemisa . . .	5.00
Manuel Vázquez, Camagüey . . .	1.00
Marcos Felipe, Camagüey . . .	2.00
Pablo Nuño, Camagüey . . .	7.00
Marcos Felipe, Camagüey . . .	3.00
Total Ingresos	\$ 51.85
Superávit del Balance ant. . .	11.40
Producto del Festival en "La Folar"	118.50
TOTAL	\$181.75
Egresos	
"El Libertario" de Abril . . .	\$ 50.00
Viaje al Correo	01.00
"El Libertario" de Mayo . . .	50.00
Grabado y viaje a Correo . . .	08.00
Total Egresos	\$109.00
Total Ingresos	\$181.75
Superávit	\$072.75
Rolando Fñera Pardo ADMINISTRADOR	

FIGURA 3. Seção administrativa como evidência material da rede militante libertária *El Libertario* (n.º 5, 1959).

4.2. Estratégias de nomeação e deslocamento

Um dos mecanismos discursivos mais relevantes em *El Libertario* diz respeito às estratégias de nomeação e deslocamento dos atores políticos, especialmente no que se refere à forma como o jornal opta, em muitos casos, por evitar a personalização direta da crítica. Em vez de dirigir ataques explícitos a lideranças individuais da Revolução, notadamente Fidel Castro, o periódico privilegia categorias mais abstratas como «Estado», «gobierno» ou «proceso», operando uma crítica estrutural que lhe permite manter aberto um espaço de interlocução política e, ao mesmo tempo, evitar sua associação com setores conservadores ou contrarrevolucionários.

Paralelamente, o jornal recorre à recontextualização crítica de enunciados provenientes do campo governamental, apropriando-se de falas públicas e reinscrevendo-as em um novo quadro interpretativo, como no caso do título «¿Armas para qué?... dijo Fidel Castro» (*El Libertario*, n.º 4, maio de 1959), no qual a citação não funciona como reprodução neutra, mas como expediente de problematização. Diante do crescente controle dos rumos do governo revolucionário por parte de integrantes do Exército Rebelde, os anarquistas tentam mobilizar elementos discursivos presentes nas manifestações públicas de Fidel Castro para levantar preocupações sobre os perigos da militarização da sociedade cubana. Segundo entendimento corrente na ACD, tal operação pode ser compreendida como um processo de recontextualização discursiva, em que enunciados são deslocados de seu contexto original e rearticulados de modo a produzir novos efeitos de sentido, revelando tensões e disputas no interior do próprio processo revolucionário.

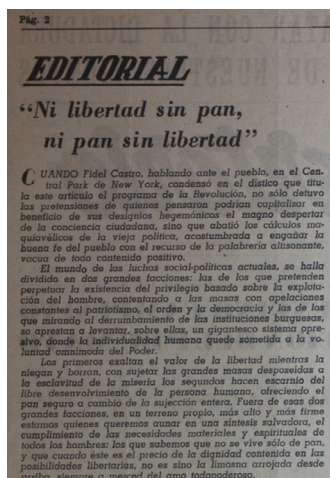


FIGURA 4. Editorial externando preocupações com a situação das liberdades públicas no país (*El Libertario* n.º 4, 1959).

4.3. Estratégias simbólicas e intertextualidade

O periódico *El Libertario* mobiliza de maneira intensa referências históricas e simbólicas como parte central de sua estratégia discursiva, articulando uma memória política que muitas vezes ultrapassa o contexto cubano imediato. Entre esses elementos, destaca-se a evocação da bandeira vermelha e negra (*roja y negra*), apresentada como «*oriflama rebelde de la CNT*», isto é, como símbolo histórico do anarquismo vinculado à tradição anarcossindicalista espanhola e ao socialismo libertário. Ao reivindicar essa origem, o jornal não apenas reafirma a identidade de seu projeto político⁴ — o socialismo libertário e o anarcossindicalismo, mas também opera uma crítica indireta ao processo revolucionário cubano, sugerindo que determinados símbolos mobilizados no presente possuem uma genealogia específica que não pode ser dissociada de seus conteúdos históricos e ideológicos. Em pelo menos nas edições 9 e 11 do jornal, os anarquistas interpelam os militantes do M26J sobre a origem libertária da bandeira de seu movimento, assinalando uma genealogia que deita raízes, pelo menos, na iconografia ácrata da Espanha e do México. Dessa forma, a bandeira funciona como um operador simbólico que articula identidade e memória, conectando diferentes atores insurgentes.

Paralelamente, a referência à Revolução Espanhola de 1936 aparece como um eixo estruturante da intertextualidade mobilizada pelo jornal em quase todas edições, condensada em expressões como «¡Viva la Revolución Española!» e «Abajo el franquismo», em apontamentos que não se reduzem às convocatórias em solidariedade aos presos políticos e perseguidos pelo fascismo ibérico. Além do mais, desde junho de 1960 se encontrava na ilha, a convite do governo revolucionário, o anarquista judeu alemão Agustín Souchy, profundo conhecedor da questão agrária e um ativo colaborador da CNT⁵. O episódio da ilustre visita foi noticiado em *Solidaridad Gastronómica*, e *El Libertario* não perdeu a oportunidade de publicar um artigo de Souchy sobre as coletividades agrárias no contexto da revolução espanhola.

4 O cotejamento das propostas, sugestões e demandas para os trabalhadores e o povo cubano, presente nas edições de *El Libertario*, é enfático suficientemente para enquadrar o projeto político dos anarquistas como socialista libertário e anarcossindicalista, em termos ideológicos, muito bem assentado no legado da CNT-FAI. Porém, elementos de um programa socialista libertário delineado para a realidade de Cuba deve ser buscado no manifesto que a ALC divulgou sob o nome de *Declaración de principios de la Agrupación Sindicalista Libertaria de Cuba* em junho de 1960 e que é objeto de detida análise em outro trabalho (Brancalone, 2026).

5 Para saber mais sobre esse intrigante e desconhecido episódio, recomendo o artigo do pesquisador Mario Castillo Santana (2017).

Essas evocações, enquanto exercícios de memória, constituem também um deslocamento temporal, no sentido proposto por Koselleck, ao reinscrever o presente cubano em um episódio histórico que opera como parâmetro normativo. Ao trazer à cena a experiência espanhola, o discurso libertário estabelece um horizonte de comparação que permite avaliar criticamente os rumos da Revolução Cubana, tensionando o espaço entre experiência e expectativa. Assim, a intertextualidade histórica amplia o repertório simbólico do jornal e estrutura sua capacidade de julgamento político.

No bojo desse repertório simbólico e intertextual, a figura de Camilo Cienfuegos ocupa um lugar particularmente significativo, operando como ponto de articulação entre essa memória libertária e o presente revolucionário cubano. Filho de um militante anarquista espanhol, Ramón Cienfuegos, que além de tudo era membro da ALC, inegavelmente formado em um ambiente permeado pela cultura política da diáspora libertária, Camilo é reivindicado na capa da edição n.º 9 de *El Libertario*. Seu desaparecimento em outubro de 1959, em circunstâncias nunca esclarecidas, reforça ainda mais essa operação simbólica, permitindo que o jornal o inscreva em uma narrativa de martírio e pertencimento. A publicação de sua imagem no periódico contribui para consolidar essa reivindicação, transformando-o em mais um signo da dimensão libertária da insurreição.



FIGURA 5. Viva a Revolução Espanhola (*El Libertario*, n.º 11, 1960)

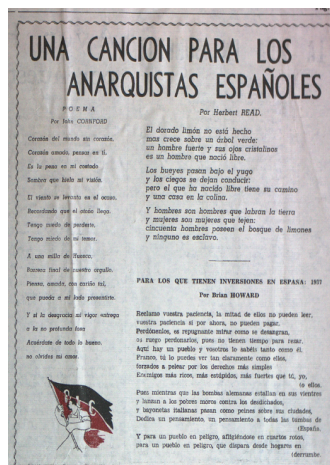


FIGURA 6. Uma canção para os anarquistas espanhóis (*El Libertario*, n.º 11, 1960)



FIGURA 7. Fragmento de texto de Agustín Souchy sobre las colectividades agrarias en España revolucionaria (*El Libertario*, n.º 11, 1960)



FIGURA 8. Homenaje a Camilo Cienfuegos (*El Libertario*, n.º 9, 1959)

4.4. Recursos gráficos como estrategia discursiva

As estratégias simbólicas e intertextuais analisadas anteriormente não se manifestam apenas no plano verbal, mas encontram nos recursos gráficos de *El Libertario* um meio privilegiado de materialização e intensificação de seus efeitos de sentido. A bandeira vermelha e negra, evocada

como herança da tradição anarcossindicalista, não é apenas mencionada, mas frequentemente reproduzida visualmente, operando como registro gráfico que condensa uma memória política internacional. De modo semelhante, as referências à Revolução Espanhola são acompanhadas por imagens de figuras como Buenaventura Durruti e Francisco Ascaso, bem como pela iconografia associada à CNT, criando uma camada visual que reforça a intertextualidade histórica mobilizada pelo jornal. Essas imagens não desempenham uma função meramente ilustrativa, mas atuam como dispositivos de legitimação simbólica, conectando o presente cubano a uma genealogia libertária global e oferecendo ao leitor um repertório visual compartilhado.

Nesse mesmo registro, a presença da fotografia de Camilo Cienfuegos demonstra como o jornal articula figuras contemporâneas à sua matriz simbólica, integrando-as a uma narrativa visual e política mais ampla. A imagem de Camilo, ao lado de símbolos e referências do anarquismo histórico, opera também como um elo entre passado e presente, contribuindo para reforçar os laços entre a Revolução Espanhola e a Cubana. Tal operação confere lastro para a ideia de que a interdiscursividade do periódico é também uma intervisualidade, em que textos e imagens se combinam para produzir um campo semântico densamente arquitetado.

Estruturalmente, outros recursos gráficos como o uso de títulos em caixa alta, a organização em múltiplas colunas e a fragmentação em blocos textuais configuram uma estratégia para orientar a leitura e intensificar a interpelação do público. Títulos como «EL FALSO DILEMA DEMOCRACIA O TOTALITARISMO» (*El Libertario*, n.º 7, 1959), funcionam como marcadores de urgência e posicionamento, enquanto a diagramação favorece uma circulação ágil e acessível do conteúdo. A repetição de seções fixas de editorial, correspondência e quadro administrativo, contribui para estabilizar a experiência de leitura, criando um *layout* reconhecível que articula informação, formação, militância e organização. Em conjunto, esses elementos evidenciam que em *El Libertario* a dimensão gráfica longe de ser acessória, é constitutiva da prática discursiva, atuando em estreita articulação com as estratégias simbólicas e intertextuais para produzir sentidos e intervir no debate político.



FIGURA 9. Comentários sobre a bandeira vermelha e negra (*El Libertario*, n.º 11, 1960)

EL FALSO DILEMA DEMOCRACIA O TOTALITARISMO

FIGURA 10. Chamada de texto de capa (*El Libertario*, n.º 7, 1959)



FIGURAS 11 E 12. Buenaventura Durruti (*El Libertario*, n.º 9, 1959) e Francisco Ascaso (*El Libertario*, n.º 11, 1960)

4.5. Tonalidade e modulação discursiva

A tonalidade discursiva de *El Libertario* constitui, possivelmente, o elemento mais revelador de sua estratégia de intervenção política no contexto da Revolução Cubana. Longe de adotar uma postura de confronto direto, o periódico desenvolve uma forma de crítica marcada por uma cautela estratégica, na qual se evita cuidadosamente a ruptura explícita com o processo revolucionário e, sobretudo, com suas lideranças mais visíveis, como Fidel Castro. Essa cautela não deve ser interpretada como hesitação ou fraqueza, mas como uma escolha política deliberada, orientada pela necessidade de preservar espaços de atuação e interlocução dentro de um cenário instável e em disputa. Ao evitar uma oposição frontal, os anarquistas buscam manter sua posição como parte legítima do campo revolucionário, distinguindo-se, ao mesmo tempo, das críticas provenientes de setores conservadores ou propriamente contrarrevolucionários.

Essa postura se articula com uma ambivalência discursiva estruturante, na qual apoio e crítica coexistem de maneira tensa, mas produtiva. O jornal reconhece e valoriza conquistas do processo revolucionário, especialmente aquelas relacionadas à justiça social e à transformação das estruturas agrárias, ao mesmo tempo em que expressa preocupação crescente com a ampliação das prerrogativas estatais, a militarização, a presença de lideranças comunistas e a restrição de liberdades políticas. Essa ambivalência não é contraditória, mas constitutiva de uma posição que busca intervir no curso da Revolução sem abdicar de seus princípios libertários. Trata-se, em termos analíticos, de uma modulação discursiva que permite ao jornal operar em um registro simultaneamente solidário e vigilante, afirmando um pertencimento crítico ao processo em curso.

Ao longo das edições, observa-se ainda uma intensificação progressiva da crítica, que acompanha o próprio desenvolvimento do processo revolucionário. Nos primeiros números de 1959, predomina um tom mais aberto e esperançoso, alinhado ao horizonte de expectativas inaugurado pela queda da ditadura de Batista. Contudo, à medida que se acumulam sinais de centralização do poder e de restrição do espaço político, o discurso de *El Libertario* torna-se mais incisivo, ainda que mantendo sua forma indireta e cuidadosa. Essa evolução gradual da tonalidade crítica evidencia a sensibilidade do jornal às transformações do contexto e reforça a ideia de que sua intervenção discursiva se constrói em diálogo constante com a realidade política em mutação.

Em síntese, as estratégias discursivas de *El Libertario* revelam uma forma de intervenção que combina pluralidade de gêneros, uso estratégico da memória histórica, controle rigoroso da tonalidade crítica e exploração consciente dos recursos gráficos. Mais do que um simples veículo de

expressão, *El Libertario* constitui, assim, um espaço de elaboração discursiva no qual o anarquismo cubano procura intervir ativamente na definição dos sentidos da Revolução, mobilizando uma combinação complexa de gêneros, símbolos, intuições e estratégias retóricas que refletem tanto suas possibilidades de ação quanto os limites impostos pela realidade.

5. Trajetória discursiva, temporalidade e disputa simbólica

A análise longitudinal dos exemplares de *El Libertario* entre 1959 e 1960 permite identificar uma transformação significativa, ainda que não linear, na forma como o movimento anarquista cubano constrói discursivamente tanto a liderança revolucionária quanto os símbolos associados ao processo em curso. Mais do que um simples deslocamento progressivo em direção à despersonalização, o que se observa é uma estratégia oscilante e cuidadosamente modulada, na qual diferentes formas de nomeação, interpelação e silêncio coexistem como parte de um cálculo político orientado pela preservação de espaços de interlocução e pela tentativa de influenciar os rumos da Revolução.

Nos primeiros números do periódico, particularmente nas edições iniciais de 1959, a figura de Fidel Castro aparece inserida em um registro predominantemente institucional, como na formulação “*el gobierno que preside el Dr. Fidel Castro*”. Essa forma de nomeação sugere uma certa contenção discursiva, evitando tanto a personalização carismática quanto a crítica direta. No entanto, essa impessoalidade inicial não deve ser interpretada como um padrão estável, mas como parte de uma economia discursiva prudente, na qual o jornal procura situar-se no interior do campo revolucionário sem se comprometer com uma adesão irrestrita.

À medida que o processo revolucionário avança, Fidel Castro passa a ser progressivamente interpelado como sujeito político, não para ser frontalmente criticado, mas para ser mobilizado como referência normativa. Em diversos momentos, o jornal recorre às próprias palavras do líder revolucionário, como no célebre enunciado realizado em Nova York em 1959 segundo o qual não haveria “*ni pan sin libertad ni libertad sin pan*» (*El Libertario* n.º 4, 1959), para reafirmar princípios que os anarquistas consideravam fundamentais. Trata-se de uma estratégia discursiva sofisticada: em vez de confrontar diretamente Fidel, *El Libertario* busca vinculá-lo às promessas democráticas e sociais que ele próprio havia enunciado, transformando sua palavra em garantias contra desdobramentos não desejáveis do processo revolucionário. Nesse sentido, a figura de Fidel funciona menos como alvo de crítica do que como recurso discursivo disputado.

Essa cautela contrasta fortemente com o tratamento dispensado aos comunistas, que constituem, ao longo de todo o periódico, um objeto

privilegiado de crítica direta e sistemática (Estefania, 2000)⁶. O discurso libertário associa o comunismo cubano a uma trajetória histórica marcada por sistemáticas alianças com regimes autoritários nas décadas anteriores (notadamente com ministérios no governo de Fulgêncio Batista nos anos de 1940), até sua inserção no movimento sindical e suas conexões com a agenda geopolítica da União Soviética. Essa crítica se articula a um repertório mais amplo de referências, que inclui a experiência da Revolução Russa (Avrich, 1970; Skirda, 2017, 2020), com episódios como Kronstadt e, sobretudo, a memória da Revolução Espanhola (Leval, 1975; Broué, 1978; Paz, 1978; Orwell e Trilling, 1980; Bolloten, 1991; Graham, 2002), frequentemente evocada como exemplo de repressão comunista contra a esquerda revolucionária não stalinista.

O posicionamento do anarquismo cubano em relação ao comunismo deve ser cuidadosamente compreendido no interior de um campo mais amplo que pode ser caracterizado como um anticomunismo de esquerda, isto é, uma tradição crítica que se opõe não à ideia de comunismo em si, mas às formas históricas que este assumiu sob a hegemonia do bolchevismo e do marxismo-leninismo, frequentemente interpretadas como modalidades de capitalismo de Estado. Nesse registro e seguindo Kropotkin, os anarquistas cubanos, como se observa em *El Libertario*, afirmam-se comunistas em matéria econômica, defendendo formas de organização social baseadas na propriedade coletiva e na autogestão, ao mesmo tempo que rejeitam a centralização estatal e a lógica de partido único. Tal posição os aproxima de outros setores revolucionários presentes na história política cubana, como Antonio Guiteras, que também formularam críticas ao comunismo de matriz soviética sem abdicar de um horizonte socialista radical. Trata-se, portanto, de um campo que busca demarcar claramente sua diferença em relação ao anticomunismo conservador associado a setores oligárquicos, ao catolicismo político e às direitas liberais, afirmando-se como uma crítica interna à tradição revolucionária e não como sua negação.

Paralelamente a essas operações discursivas, observa-se também o recurso recorrente à despersonalização da crítica, sobretudo quando se trata de apontar problemas estruturais do processo revolucionário. Termos como «Estado», «gobierno» ou «proceso revolucionario» permitem deslocar o foco do indivíduo para as formas de organização do poder, evitando confrontos diretos e preservando a possibilidade de intervenção política. No entanto, essa despersonalização não constitui uma tendência linear

6 Sobre socialismo e marxismo cubano não alinhado com a URSS, ver: Guanche, 2020; Cushion, 2017; Prado, 2017; Rojas, 2005; Franqui, 1976.

ou exclusiva, mas uma entre várias estratégias mobilizadas pelo jornal, que alterna entre nomeação, interpelação e abstração conforme as exigências do contexto.

No plano simbólico, esse jogo discursivo é acompanhado pela crescente centralidade da bandeira vermelha e negra, cuja presença se intensifica à medida que se acentuam as tensões no interior do processo revolucionário. A reivindicação da tradição anarcossindicalista, especialmente por meio da referência à Confederação Nacional do Trabalho (CNT) e à Revolução Espanhola, funciona como um recurso de legitimação histórica que permite aos anarquistas inscrever o presente cubano em uma genealogia libertária mais ampla. Com Koselleck (2006), pode-se interpretar esse movimento como uma reconfiguração do campo semântico, na qual o horizonte de expectativa inicialmente aberto pela Revolução passa a ser tensionado por um espaço de experiência que evoca tradições históricas específicas como critério de julgamento do presente.

Dessa forma, mais do que um simples deslocamento do plano da liderança para o plano simbólico, o que se observa é uma articulação complexa entre diferentes níveis de intervenção discursiva, na qual a figura de Fidel Castro, a crítica ao comunismo e a mobilização da memória histórica operam conjuntamente. Essa configuração revela uma estratégia política coerente com a tradição anarquista, que combina desconfiança em relação à centralização do poder com uma aposta, ainda que cada vez mais tensa e delicada, na possibilidade de influenciar o processo revolucionário desde dentro.

Em síntese, a análise das edições de *El Libertario* permite compreender como o movimento anarquista cubano articula, no plano discursivo, uma transição que vai da euforia revolucionária à crítica estruturada, não por meio de uma ruptura abrupta, mas através de uma modulação cuidadosa que envolve disputa de sentidos, (re)apropriação de discursos e (re)ativação de memórias históricas. Trata-se, portanto, de um caso exemplar de como práticas discursivas específicas podem revelar, de maneira particularmente sensível, as ambivalências e as disputas que atravessam processos revolucionários em curso.

6. Redes e sociologia do movimento: articulações internas e conexões globais

A compreensão da atuação do anarquismo cubano no contexto revolucionário exige situá-lo como parte de uma rede densa de relações sociais, políticas, culturais e comunicacionais, cuja centralidade organizativa foi desempenhada pela Associação Libertária de Cuba. Mais do que uma entidade formal, a ALC funcionou como um verdadeiro *hub* de articulação,

conectando diferentes espaços de militância e permitindo a circulação de recursos, informações e quadros políticos. Seus militantes, embora concentrados em Havana, estavam situados em várias partes do país e se organizavam em núcleos territoriais com presença em todas as províncias. Uma prospecção sobre a abrangência da presença de grupos ativos e contatos com simpatizantes pode ser observada a partir da tabela 1.

TABELA 1. Presença da ALC por localidade (subscrições e envio de *El Libertario*)

Localidade	Província (denominação de época)
Havana (ciudad)	Província de La Habana
Marianao	Província de La Habana
Regla	Província de La Habana
Santiago de las Vegas	Província de La Habana
Arroyo Naranjo	Província de La Habana
San Miguel del Padrón	Província de La Habana
Guanabacoa	Província de La Habana
Güira de Melena	Província de La Habana
Artemisa	Província de La Habana
San Cristóbal	Província de La Habana
Los Palacios	Província de La Habana
Pinar del Río (ciudad)	Província de Pinar del Río
Itabo	Província de Matanzas
Isabela de Sagua	Província de Las Villas
Cienfuegos	Província de Las Villas
Trinidad	Província de Las Villas
Jatibonico	Província de Las Villas
Sancti Spíritus	Província de Las Villas
Iguará	Província de Las Villas
Central Santa Marta	Província de Las Villas
Central Violeta	Província de Camagüey
Central Estrella	Província de Camagüey
Camagüey (ciudad)	Província de Camagüey
Florida	Província de Camagüey
Nuevitas	Província de Camagüey
Ciego de Ávila	Província de Camagüey

Guantánamo	Provincia de Oriente
Palma Soriano	Provincia de Oriente
Niquero	Provincia de Oriente
Contramaestre	Provincia de Oriente
Santiago de Cuba	Provincia de Oriente
Manzanillo	Provincia de Oriente
Pueblo Centro	Provincia de Oriente
Las Calabazas / Sagua de Tánamo	Provincia de Oriente

Nota. Fonte: Edições de *El Libertario*. Elaborado pelo autor. Extração, organização e conferência de dados realizada com recursos das IAs ChatGPT e Claude.

No plano interno, essa posição se expressa na relação com organizações fundamentais da luta contra a ditadura de Batista, como o M26J, a FEU e o DR. Como já mencionado, a sede da ALC em Havana operava como espaço de encontro e apoio logístico, sendo utilizada por militantes de diferentes correntes para reuniões clandestinas, circulação de propaganda e, em alguns casos, preparação de ações insurrecionais. Essa capacidade de articulação interna revela que os anarquistas não atuavam de forma isolada, mas integrados a um campo mais amplo de forças revolucionárias.

Essa inserção em múltiplos espaços organizativos remete a um traço sociologicamente decisivo do movimento: a multiposicionalidade militante (Offerle, 1998). Os anarquistas cubanos não estavam confinados a uma única estrutura ou identidade organizativa, mas transitavam simultaneamente por diferentes instâncias: sindicatos, grupos insurrecionais, coletivos estudantis, redes de imprensa, etc, ocupando posições diversas e frequentemente sobrepostas (o que reforça por sua vez nossa conjectura sobre o «dualismo organizacional»). Essa condição lhes conferia uma elevada capacidade de mediação e circulação, permitindo que funcionassem como vetores de conexão entre diferentes segmentos do campo revolucionário. Ao mesmo tempo, essa multiposicionalidade reforçava sua inserção concreta nas lutas sociais, articulando prática sindical, sociabilidades, ação direta e intervenção discursiva. Nesse sentido, a imprensa libertária, notadamente *El Libertario* e *Solidaridad Gastronómica*, deve ser compreendida como parte integrante dessa rede, funcionando como dispositivos de coordenação simbólica e de produção de sentido compartilhado.

Para além do plano nacional, o anarquismo cubano encontrava-se inserido em uma rede internacional de intercâmbio libertário, que conectava a ilha a circuitos militantes na América Latina e Caribe, na América do Norte e na Europa, com destaque para a influência da diáspora espanhola

e das experiências da Revolução de 1936. Essa dimensão internacional se expressa tanto na circulação de ideias e referências, como a constante evocação da CNT espanhola, quanto nas relações concretas com organizações e periódicos estrangeiros, incluindo vínculos com agrupamentos anarquistas na Argentina, no Uruguai, na Inglaterra, na França, na Suécia, no Brasil, no México e em comunidades de exilados em cidades dos EUA como Nova York e Miami. O envio, em novembro de 1961, de um documento da ALC à Federação Libertária Argentina (FLA) constitui um exemplo emblemático dessa rede, atestando a continuidade das articulações mesmo após o deslocamento de parte da militância para o exílio. Assim, o movimento libertário cubano operava simultaneamente em escalas múltiplas, articulando o local, o nacional e o internacional em uma mesma dinâmica de produção política.

No entanto, essa forma de organização em rede, horizontal e baseada em vínculos muito flexíveis, encontrou limites estruturais diante do processo de centralização política que se consolidou na Revolução Cubana, especialmente a partir de 1960–1961. A criação de instâncias como as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI) e a progressiva concentração dos meios de comunicação e de organização sob controle estatal evidenciam o choque entre duas lógicas organizativas distintas: de um lado, a rede descentralizada e federalista do anarquismo, de outro, o aparato estatal em consolidação, orientado por princípios de centralização, hierarquia e severa disciplina política. Esse descompasso não apenas restringiu os espaços de atuação do movimento libertário, mas também condicionou seu destino político, levando à sua marginalização e, em muitos casos, eliminação e exílio de seus militantes.

7. A angústia política e o problema da liberdade: entre a violência revolucionária e sua institucionalização

Um dos eixos mais densos e reveladores do discurso presente em *El Libertario* reside naquilo que se pode denominar de uma angústia política em torno das liberdades civis, isto é, uma preocupação crescente com os destinos do processo revolucionário à medida que este se desdobra em formas institucionais mais estáveis. Essa angústia não se expressa como rejeição da Revolução, mas como uma reflexão crítica sobre seus limites e riscos internos. Em diversos momentos, o jornal reconhece explicitamente o caráter conflitivo e violento dos processos revolucionários, entendendo tais elementos como parte das circunstâncias históricas que acompanham rupturas profundas. No entanto, o ponto central da crítica não reside na existência dessa violência, mas no perigo de sua rotinização.

É nesse sentido que emerge uma formulação particularmente significativa, na qual se afirma, em termos inequívocos, que a dureza e a brutalidade inerentes aos processos revolucionários «*no pueden convertirse en normas de gobierno*», sob pena de conduzirem à tirania (*El Libertario*, n.º 10, 1959). Essa proposição opera como uma verdadeira categoria analítica e normativa, condensando a posição anarquista diante da Revolução Cubana: a distinção entre a violência como momento excepcional da ruptura e sua cristalização como lógica estrutural do poder. Tal distinção permite aos anarquistas sustentar uma posição simultaneamente favorável à transformação revolucionária e crítica à consolidação de formas autoritárias, evitando tanto o moralismo abstrato quanto a adesão acrítica.

Essa tensão revela o núcleo moral do discurso libertário, no qual a liberdade não é concebida como um resultado posterior ou subordinado ao processo revolucionário, mas como um princípio que deve orientar permanentemente sua condução. A preocupação central, portanto, não é com os excessos momentâneos, compreendidos como possíveis «tropeços» de uma conjuntura excepcional, mas com sua institucionalização, isto é, com o risco de que práticas emergenciais se convertam em estruturas duradouras. Nesse ponto, a crítica anarquista antecipa, de forma notável, uma problemática clássica das revoluções modernas: a passagem da exceção à norma, da emergência à institucionalização.

É sob essa chave que devemos compreender a cautela discursiva observada ao longo do periódico. Ao evitar uma condenação frontal das lideranças revolucionárias, como Fidel Castro, o jornal procura manter aberta a possibilidade de correção de rumos no interior do próprio processo. A crítica é, assim, dirigida menos a indivíduos do que a tendências estruturais, como a expansão das prerrogativas estatais, a centralização do poder e a limitação das liberdades de expressão e organização. Tal estratégia reforça a ideia de que, para os anarquistas, o problema não é tanto quem exerce o poder, mas a forma que esse poder assume.

Essa angústia política adquire contornos ainda mais concretos quando observada à luz das transformações institucionais ocorridas entre 1960 e 1961, que impactaram diretamente as condições de atuação do movimento libertário. O progressivo fechamento do espaço público, associado à centralização dos meios de comunicação, à reorganização das estruturas sindicais sob controle estatal e à vigilância crescente sobre organizações autônomas, produziu um ambiente cada vez mais restritivo para a ação anarquista. A interrupção de *El Libertario* em julho de 1960 e, posteriormente, o encerramento de *Solidaridad Gastronómica* em fevereiro de 1961 não podem ser compreendidos apenas como resultado de dificuldades materiais, mas devem ser situados nesse contexto de constrangimento

estrutural, no qual a possibilidade de circulação de discursos dissidentes se tornava progressivamente inviável. Ao mesmo tempo, multiplicam-se indícios de perseguição direta a militantes libertários, incluindo prisões, perseguições, interrogatórios e, em alguns casos, execuções (Fernández, 2000).

Nesse cenário, parte significativa da militância anarquista opta, ou é forçada, ao exílio, estabelecendo-se sobretudo em cidades como Nova York e Miami, de onde passa a reorganizar suas atividades políticas e a denunciar a natureza do regime em consolidação. O documento enviado à FLA é particularmente elucidativo a esse respeito, ao afirmar que os anarquistas cubanos estiveram cientes das tendências liberticidas do grupo que se constituiu como governo revolucionário desde seus momentos iniciais, nutrido, entretanto, a expectativa de que seria possível disputar seus rumos internamente. Tal formulação revela não apenas uma retrospectiva crítica, mas também o reconhecimento de uma aposta política que, àquela altura, se mostrava necessária. A passagem do engajamento crítico à denúncia explícita, já em termos de «ditadura», marca, portanto, uma inflexão decisiva na experiência do movimento⁷.

Por outro lado, é importante destacar que a retração do espaço público não implicou o desaparecimento completo da presença anarquista na ilha. Militantes que não puderam ou não quiseram sair de Cuba desenvolveram formas de resistência com distintos graus de discrição, baseadas em redes informais, práticas de solidariedade, guerrilha, sabotagem e estratégias de autoproteção frente ao aparato repressivo. Essas formas de atuação, embora menos visíveis, indicam a persistência de uma cultura política libertária que buscava se adaptar às novas condições, ainda que sob forte pressão. A coexistência entre exílio e permanência, denúncia externa e resistência interna, assinala a complexidade da experiência anarquista nesse período e reforça a ideia de que a angústia política expressa no discurso de *El Libertario* era a antecipação de um processo histórico que se materializaria, de forma cada vez mais contundente, na vida concreta de seus militantes.

7 A hesitação e cuidado em tomar um posicionamento mais resolutivo sobre o regime emergente nos anos de 1959 e 1960 produziu também ruído internacional posteriormente. Algumas individualidades e organizações anarquistas aderiram a uma defesa da Revolução Cubana (e do seu governo) segundo a lógica do campismo terceiro-mundista, ocasionado cismas e conflitos no interior do movimento. Ver: De Paz-Sánchez, 2017; Viana da Silva, 2019; Rodríguez Trejo, 2020, 2022.

8. Considerações finais

A análise das edições de *El Libertario* entre 1959 e 1960 permite sustentar a hipótese central deste artigo: o jornal revela a existência de um projeto político anarquista autônomo que, longe de se posicionar como força marginal ou meramente reativa, participou ativamente do processo revolucionário cubano ao mesmo tempo em que formulava uma crítica precoce e consistente à sua deriva autoritária. Ao longo do período analisado, evidencia-se que os anarquistas não apenas celebraram a queda da ditadura de Fulgêncio Batista e apoiaram medidas de transformação social, mas também buscaram intervir nos rumos da Revolução, mobilizando uma linguagem cuidadosamente modulada que articulava adesão e vigilância crítica.

A principal contribuição deste estudo reside, em primeiro lugar, na revalorização do anarquismo cubano como ator ativo e constitutivo do campo revolucionário, rompendo com leituras historiográficas que tendem a apagá-lo ou reduzi-lo a uma posição periférica. Em segundo lugar, a análise de *El Libertario* como fonte permite compreender a imprensa militante como veículo de expressão e espaço de intervenção política, no qual se produzem sentidos e se articulam estratégias de ação. Dessa maneira, o jornal opera como um observatório privilegiado das tensões internas ao processo revolucionário, captando em tempo quase imediato suas inflexões, ambiguidades, contradições e conflitos.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de compreender a Revolução Cubana não como um bloco homogêneo, mas como um campo de disputas, atravessado por projetos políticos concorrentes e por diferentes concepções de transformação social. A trajetória discursiva de *El Libertario*, da euforia inicial à angústia política diante da deriva autoritária, evidencia que os sentidos da Revolução estavam longe de ser dados ou consensuais, sendo constantemente tensionados e redefinidos. Nesse quadro, a experiência anarquista põe em relevo uma dimensão frequentemente subalternizada do processo revolucionário, revelando tanto suas possibilidades quanto seus limites e contribuindo para uma compreensão mais complexa e plural das dinâmicas que marcaram Cuba no limiar dos anos 1960.

Contribución de autoría

Cassio Brancalone cumplió con todas las fases CRediT.

Fuente de financiamiento

Financiado com recursos do edital FAPERGS 09/2023: Programa Pesquisador Gaúcho (PqG).

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

Agradecimientos

Aos companheiros e amigos do Taller Libertario Alfredo Lopez.

Declaración de uso de IA

En el desarrollo del manuscrito no se utilizó inteligencia artificial generativa (IA-G) para ningún fin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, B. (2014). *Sob três bandeiras. Anarquismo e imaginação anticolonial*. Editora da Unicamp.
- Avrich, P. (1970). *Kronstadt 1921*. Princeton University Press.
- Bambirra, V. (1971). *La revolución cubana: Orígenes, desarrollo y perspectivas*. Siglo XXI.
- Bellé, J. (2009). *Revolução Cubana: Mais à esquerda que o Castrismo*. Faísca.
- Benjamin, W. (1996). *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense.
- Bolloten, B. (1991). *The Spanish Civil War: Revolution and counterrevolution*. University of North Carolina Press.
- Brancaleone, C. (2026). Memórias de mundos desaparecidos: sobre a participação anarquista na Revolução Cubana. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, 1(69).
- Broué, P. (1978). *La revolución y la guerra de España*. Martínez Roca.
- Buch, L. e Suárez, R. (2004). *Gobierno revolucionario cubano. Primeros pasos*. Editorial de Ciencias Sociales.
- Cappelletti, A. e Rama, C. (1990). *El anarquismo en América Latina*. Biblioteca Ayacucho.
- Castillo Santana, M. (2017). Pequeña historia de un visitante olvidado: Agustín Souchy y las (des)memorias sobre el cooperativismo en Cuba. Em M. Orduña Carso e A. de la Torre Hernández (coords.), *Historias de anarquistas. Ideas y rutas. Letras y escenas* (pp. 155-193). Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), Universidad Autónoma de México.
- Chomsky, A. (2015). *História da revolução cubana*. Veneta.
- Cushion, S. (2017). *Movimiento obrero revolucionario. La contribución de la clase obrera al triunfo de la Revolución Cubana*. Historia.
- De Paz-Sánchez, M. (2017). Voces disonantes. Opiniones libertarias sobre Venezuela y Cuba (1958-1961). *Revista de Indias*, 77(270), 463-489. <https://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/view/1051>
- Declaración de principios de la Agrupación Sindicalista Libertaria de Cuba. (1960). *Revista Reconstruir*, (10).
- Estefanía, C. (2000). Anarquistas y comunistas en Cuba en la coyuntura de 1959. *Iniciativa Socialista*, (59). <https://fundanin.net/2019/03/25/anarquismo-en-cuba/>
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Editora UnB.

Farber, S. (2011). *Cuba since the Revolution of 1959. A critical assessment*. Haymarket Books.

Fernández, F. (2000). *El anarquismo en Cuba*. Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo.

Farquhar, C. (1976). *Diario de la revolución cubana*. R. Torres.

Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. (7.ª ed.). Forense Universitária.

Gott, R. (2006). *Cuba. Uma nova história*. Zahar.

Guanche, J. C. (2020, 23 de maio). La tradición negra radical en Cuba, y el marxismo (2). <https://jcguanche.wordpress.com/2020/05/23/la-tradicion-negra-radical-en-cuba-y-el-marxismo-2/>

Graham, H. (2002). *The Spanish Republic at War, 1936-1939*. Cambridge University Press.

Harnecker, M. (1978). *Cuba. Dictadura o democracia*. (7.ª ed.). Siglo XXI.

Huberman, L. e Sweezy, P. (1960). *Cuba. Anatomy of a revolution*. Monthly Review Press.

Koselleck, R. (2006). *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Contraponto.

Leval, G. (1975). *El anarquismo y el poder: La revolución social en España*. Americalee.

Mannheim, K. (1986). *Ideologia e utopia*. (4.ª ed.). Guanabara.

Marcuse, H. (1960). *Revolution in Cuba: An essay in understanding*. Monthly Review Press.

Offerlé, M. (1998). *Sociologie des groupes d'intérêt*. (2.ª ed.). Montchrestien.

Orwell, G. e Trilling, L. (1980). *Homage to Catalonia*. Harcourt Brace & Co.

Paz, A. (1978), *Durruti en la Revolución española*. Bruguera.

Pérez-Stable, M. (2012). *The Cuban Revolution. Origins, course, and legacy*. Oxford University Press.

Perrottet, T. (2019). *Cuba libre! Che, Fidel, and the Improbable Revolution that Changed World History*. Blue Rider Press.

Prado, G. da S. (2017), O comunismo ortodoxo no banco dos réus da Revolução: uma análise das disputas ideológicas na cúpula do poder revolucionário cubano na década de 1960. XXIX Simpósio Nacional de História. https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502844969_AR-QUIVO_GiliarddaSilvaPrado-textocompletoSNH2017.pdf

Rodríguez, C. R. (1965). *La Revolución Cubana*. Editorial de Ciencias Sociales.

Rodríguez Trejo, E. D. (2020). Los anarquistas y la Revolución cubana: entre el júbilo y el desencanto. *Pacarina del Sur*, 11(42).

Rodríguez Trejo, E. D. (2022). Lecturas ácratas en torno a la Revolución cubana. *Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda*, (20), 161–181.

Rojas, R. (2005). Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). *Tempo Social*, 17(2), 219-242. <https://www.scielo.br/j/ts/a/GdScFhN8NzXBffCD99bgRWt/>

Ruiz, R. E. (1968). *The making of a revolution: Cuba 1959*. W. W. Norton & Company.

Sánchez Cobos, A. (2019). ¡Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915): editores y ediciones. *Historia y Política*, (42), 55-83.

Sánchez Cobos, A. (2023). Mujeres y anarquismo en Cuba: Transnacionalismo, prensa y emancipación femenina a inicios del siglo XX. *Historia Social*, (106), 123-142.

Shaffer, K. R. (2000). Cuba para todos: Anarchist internationalism and the cultural politics of Cuban independence, 1898-1925. *Cuban Studies*, 31, 45-75.

Shaffer, K. R. (2011). Contesting internationalists: Transnational anarchism, anti-imperialism and US expansion in the Caribbean, 1890s-1920s. *EIAL*, 22(2), 11-38.

Shaffer, K. R. (2019). *Anarchist Cuba: Countercultural politics in the early twentieth century*. PM Press.

Shaffer, K. R. (2020). *Anarchists of the Caribbean. Countercultural politics and transnational networks in the age of US expansion*. Cambridge University Press.

Shaffer, K. R. (2023). The cultural politics of sex, race, tourism, and revolution in Cold War Cuban anarchism, 1950-1961. *Anarchist Developments in Cultural Studies*, 65-94. <https://journals.uvic.ca/index.php/adcs/article/view/21701>

Skirda, A. (2017). *Os anarquistas russos, os soviets e a Revolução de 1917*. Intermezzo.

Skirda, A. (2020). *Nestor Makhno. Le cosaque libertaire, 1888-1934. La guerre civile en Ukraine, 1917-1921*. Spartacus.

Sweig, J. E. (2016). *Cuba. What everyone needs to know*. Oxford University Press.

Thomas, H. (1971). *Cuba. The pursuit of freedom*. Harper & Row.

Viana da Silva, R. (2019). Consensos e dissensos latino-americanistas: Comparando a polêmica da Revolução Cubana no anarquismo argentino e uruguaio. *Revista Vernáculo*, (44). <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/65776>

Fontes Primárias

Asociación Libertaria de Cuba. (1959-1960). *El Libertario: Órgano Oficial de la A.L.C.* (Época II, Números 1-11). La Habana, Cuba. Acervo digitalizado pelo autor a partir de originais depositados no International Institute of Social History (Amsterdam), Biblioteca José Ingenieros (Buenos Aires) e Archivo de la Federación Libertaria Argentina – FLA (Buenos Aires).

Agrupación Sindicalista Libertaria de Cuba. (1960). Declaración de principios de la Agrupación Sindicalista Libertaria de Cuba. *Revista Reconstruir*, (10). Acervo digitalizado pelo autor a partir de original depositado na Biblioteca Terra Livre (São Paulo).

Delegación General del Movimiento Libertario Cubano en el Exilio. (1961). Informe al quinto congreso nacional ordinario de agrupaciones de la Federación Libertaria Argentina. Acervo digitalizado pelo autor a partir de original depositado no Centre International de Recherches sur l'Anarchisme -CIRA, (Lausanne)

Cassio Brancaleone é professor do curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul. Investigador associado do CLACSO. Integrante do Instituto de Estudos Libertários (IEL).

Recepción: 8/9/2025
Aceptación: 9/5/2026